

Texto Aula 4 – XXXXX – (Período) - No USP XXXXXX

No quinto capítulo de “Governar o mundo”, o autor Mark Mazower discorre sobre a Liga das Nações, os fatores que motivaram sua criação e as características que a levariam ao fracasso ou ao sucesso, de acordo com perspectivas distintas. Ele argumenta que apesar do aparente insucesso da Liga como ferramenta de resolução de conflitos internacionais, a iniciativa de cooperação e o papel do funcionalismo na ação coletiva internacional foram importantíssimos não apenas para a recuperação da Europa no pós-Primeira Guerra, mas também para constituir as bases para o futuro projeto das Nações Unidas.

Primeiramente, o capítulo analisa o que impulsionou a concepção da Liga. Seu idealizador, Woodrow Wilson, não é observado pelo autor de acordo com a imagem romantizada usual, mas sim como um homem que uniu o americanismo e o pragmatismo político em seus 14 pontos, condensando-os na ideia da autodeterminação dos povos. A adesão dessa mentalidade inovadora para a época pelas potências europeias é também explorada pelo autor, principalmente no que se refere à Grã-Bretanha. Os britânicos valorizavam uma aliança com os Estados Unidos e outras democracias no pós-guerra, mas defendiam uma posição menos legalista que os americanos. De fato, o projeto só foi respaldado após ser definido não um tribunal internacional como árbitro, mas um conselho. Uma figura chave para a participação britânica é a do sul-africano Jan Smuts, que defendia a ideia da Comunidade Britânica como aliança de nações brancas.

Após a criação da Liga das Nações, o autor contextualiza o afastamento dos EUA, principal ator idealizador do projeto. Tal afastamento é atribuído às questões internas da presidência de Wilson, pois a Liga teria sido considerada um fracasso perante o Congresso e a opinião pública. A falta da presença americana acabou reduzindo o alcance da Liga no espaço internacional e ela perdeu o protagonismo nos assuntos de segurança. Além disso, a falta de estruturação da mesma para lidar com questões econômicas graves que assolavam os países impossibilitavam o auxílio efetivo no aspecto financeiro ou econômico. Todavia, há um grande destaque para o âmbito do funcionalismo da Liga, organizado em secretariados. A questão das crises de saúde pública internacional, o amplo trabalho estatístico e a criação de uma organização do trabalho a nível mundial são características vanguardistas da Liga, precedendo a ONU.

Como minha interpretação, considere interessante a perspectiva do autor sobre os ideais que impulsionaram a criação da Liga, apesar de não enxergar um projeto verdadeiramente universal e multipolar. O projeto da “aliança de povos brancos” de Jan Smuts e a importância da presença dos países pequenos no Conselho como forma de afirmar sua existência entre as potências corroboram que o elemento eurocêntrico nunca chegou a se esvaír por completo.